

COMÉRCIO EXTERIOR País não implementa controle de produção e fica impedido de vender, mas garimpos o fazem ilegalmente

# Brasil está proibido de exportar diamantes

ELVIRA LOBATO

ENVIADA A COROMANDEL (MG)

Décimo produtor mundial de diamantes, o Brasil está fora do mercado internacional desde o início do mês pois o governo federal não implantou o sistema de controle da origem da produção no prazo estabelecido em acordo assinado por mais de cem países.

A proibição das exportações não repercutiu nos garimpos, onde a extração e o comércio continuam a todo vapor. O governo admite que não tem controle sobre a produção e que cerca de 90% dos diamantes saem ilegalmente do país.

As exportações só serão liberadas quando o governo passar a emitir certificados oficiais sobre a origem das pedras produzidas. O objetivo do certificado é impedir que o comércio de diamantes continue a financiar conflitos na África, que responde pela maior parte da produção mundial. A exigência vale para todos os países produtores.

O Brasil prometeu, no ano passado, que estaria preparado para emitir os certificados a partir de janeiro, mas nenhuma providência foi tomada na ocasião.

O prazo para a adequação ao acordo se esgotou no dia 31 de julho, e só na véspera foi baixada a medida provisória 125, instituindo o "Sistema de Certificação do Processo de Kimberley".

No dia 1º de agosto, as exportações foram suspensas porque, sem o certificado, os diamantes ficariam retidos nas alfândegas dos países importadores.

Indagado sobre quem foi responsável pelo atraso na tomada de decisão, o secretário-adjunto de Minas e Metalurgia do Ministério de Minas e Energia, Cláudio Scliar, disse que os problemas na área são antigos.

"Nem é um problema só do diamante, é muito mais sério. Uma parcela enorme da produção mineral brasileira é informal e o DNPM [Departamento Nacional da Produção Mineral], a quem cabe fiscalizar o uso do subsolo, está totalmente desestruturado. Há 18 anos não se faz concurso para admissão de pessoal e a idade média dos empregados é de 51 anos", afirmou Scliar.

De acordo com o DNPM, as exportações continuarão paradas por mais 45 ou 60 dias, que seria o prazo para a regulamentação da medida provisória e outras providências.

Segundo Scliar, o governo quer aproveitar a obrigatoriedade de certificação da origem para legalizar a produção e estancar o contrabando. Isso exigirá a legalização ou a eliminação dos garimpos, que respondem por quase 100% da produção.

Há dez dias, o governo promoveu, em Juína (MT), a primeira reunião entre garimpeiros e empresas de mineração, tentando um acordo entre as duas partes. Juína concentra a produção de diamante para uso industrial (de menor valor), mas tem pouca importância na produção do diamante para lapidação.

O acordo é improvável e pode atrasar o reinício das exportações. Na reunião, o governo arrancou apenas o compromisso de que cada lado encaminhará uma proposta de acordo.

Sem solução nos garimpos, a certificação de origem dos diamantes ficará restrita ao que já é comercializado legalmente.

O DNPM admite que pelo menos 90% dos diamantes saem do país ilegalmente, embora não haja estatística segura sobre a produção. O cálculo é de que a produção de gemas tenha declinado de 1 milhão de quilates em 2000 para 500 mil no ano passado. As reservas nacionais são calculadas em 15 milhões de quilates.

As exportações oficiais alcançaram US\$ 32,67 milhões no ano passado, um crescimento de 155% em relação às de 2001, que foram de US\$ 12,8 milhões.

Bélgica e EUA são os principais destinos do diamante para lapidação comercializado legalmente pelo Brasil, representando, respectivamente, 70% e 17%. Cerca de 96% das exportações são do chamado diamante primário, a pedra bruta. A lapidação, que agrega valor, é feita no exterior. Antuérpia, na Bélgica, é o centro mundial de lapidação.



Área de garimpo de diamantes devastada, na Fazenda Lagoa, em Coromandel (MG); a exportação da pedra brasileira está proibida

Ana Carolina Fernandes/Folha Imagem

## Nas transações, palavra vale mais do que contratos

DA ENVIADA A COROMANDEL

A proibição da exportação não foi sentida no garimpo dos diamantes mais raros do Brasil: o de Coromandel (MG), onde 2.000 homens e 50 sistemas mecanizados perfuram o solo e lavam toneladas de cascalho à procura das pedras preciosas. A região é conhecida pelos diamantes grandes e coloridos.

Segundo o prefeito Petrónio Jacinto da Silva (sem partido), o garimpo injeta R\$ 1,5 milhão por mês na economia da cidade, o dobro do orçamento local. Mais da metade dos 29 mil habitantes está direta ou indiretamente ligada a ele.

O garimpeiro manual trabalha sozinho, mas por trás dele há uma rede de pessoas envolvidas. O fazendeiro tem comissão de 15% na venda, por permitir a perfuração de suas terras.

Cada garimpeiro possui um sócio capitalista, o "fornecedor", que lhe dá equipamento para o trabalho e remuneração de um salário mínimo por mês. É um investimento de risco, pois ele pode passar meses sem achar pedra de valor. Na venda do diamante, retira-se a comissão do fazendeiro e o resto é dividido entre o "fornecedor" e o garimpeiro.

Há fornecedores de grande porte (em geral, fazendeiros e comerciantes), que mantêm vários garimpeiros ao mesmo tempo, e há os pequenos, que se associam para manter um trabalhador.

Como os garimpeiros não têm licença da União para explorar o subsolo, os diamantes são comercializados sem nota fiscal, sem recolhimento de tributos, nem qualquer contrato escrito. Não existe informação sobre quantidade ou valor das pedras extraídas na cidade.

As transações são baseadas em acordos verbais e na relação de confiança entre comprador e vendedor, contratante e contratado. Os comerciantes — conhecidos na região como "capangueiros" — informam que os diamantes vão para o exterior, sem documentação.

O mercado de diamantes, apesar de informal, funciona com regras rígidas. Quem descumprir as regras, estará fora. A primeira pessoa a quem o garimpeiro deve mostrar o diamante é o dono da fazenda. Em segundo lugar, vem o fornecedor.

A venda da pedra requer cuidado. Se o garimpeiro mostrá-la a dois capangueiros e a proposta do segundo for menor do que a do primeiro, ele terá que aceitar a menor oferta. Quando o negócio é fechado, o diamante é colocado dentro de um envelope, lacrado com fita crepe. O comprador assina várias vezes sobre a fita. Se o lacre for rompido, ficará provado que a pedra foi mostrada a outro comerciante e o negócio será desfeito.

Nilton Borges, comerciante de diamantes, diz que os capangueiros da região compram as pedras de menor valor. Em alguns casos, eles se associam para adquirir um diamante mais caro.

Quando surgem as pedras de milhões de dólares, os capangueiros locais informam a descoberta aos compradores internacionais. Segundo os garimpeiros, as pedras são retiradas do país pelos estrangeiros. O pagamento é feito por meio de doleiros.

Em 2002, foram descobertos um diamante vermelho de 24 quilates e um marrom de 127 quilates na cidade. Especula-se que a pedra vermelha teria sido vendida em Israel por US\$ 5 milhões.



Editoria de Arte/Folha Imagem

## ESTIMATIVAS APONTAM O BRASIL COMO O 10º PRODUTOR MUNDIAL

Principais países produtores, em milhões de quilates

	Produção em 2002*	Reservas
1º Botsuana	25,2	200
2º Austrália	25,1	230
3º Rússia	23,8	65
4º Congo	16,1	350
5º África do Sul	10,9	150
6º Angola	4,7	-
7º Canadá	2,7	-
8º Namíbia	1,6	-
9º Gana	0,7	20
10º Brasil	0,5	15
11º Rep. Centro-I	0,3	-

\* Diamante bruto  
 Fonte: DNPM (Departamento Nacional da Produção Mineral)

## MÚLTIS TÊM A MAIORIA DAS LICENÇAS PARA PESQUISA DE DIAMANTE NO BRASIL

Grupos com maior número de licenças para uso do subsolo em Coromandel (MG)

	Origem do capital	Número de processos	Tamanho da área, em mil hectares	Participação sobre o total, em %
Spider Diamond	Canadá	21	15,8	10,18
Cobre Sul Mineração	Canadá	21	15,0	9,66
SAM-Sul América Mineração	Canadá	17	14,3	9,18
Luciano Lopes Guedes	Brasil	17	13,1	8,44
Brasroma Mineração	Brasil	9	8,6	5,50
Parimá Mineração	Canadá	6	5,7	3,68
De Beers Brasil	África do Sul e Austrália	5	5,6	3,63
Úrsula Paula Deroma Rosseti	Brasil	6	5,5	3,55
Mineradora de Bauxita Ltda.	Irlanda	13	4,8	3,10
Mearim Sociedade de Mineração	Irlanda	6	4,7	3,04
Mineração Gamelas	Brasil	9	4,6	2,93

Fonte: Cooperativa dos brasileiros de Coromandel e região

## Garimpeiros copiam MST e pedem reforma

DA ENVIADA A COROMANDEL

O prefeito de Coromandel, Petrónio Jacinto Silva, 46, lidera um movimento dos garimpeiros contra as empresas, na maioria canadenses, que detêm os direitos de pesquisa de diamantes na região, emitidos pelo DNPM (Departamento Nacional da Produção Mineral). Segundo Silva, as companhias estariam usando as licenças para enviar as pedras ilegalmente ao exterior.

Os garimpeiros adotaram discurso semelhante ao do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e reivindicam a "reforma agrária já" do subsolo. Um manifesto divulgado por eles compara as empresas que concentram grande número de licenças aos latifundiários e diz que o subsolo também deve cumprir função social.

O grupo Black Swan (nome em inglês para cisne negro), com sede em Vancouver, no Canadá, tem 38 licenças para pesquisa de diamante dentro do município de Coromandel.

O diretor financeiro do grupo, Lúcio Coelho, diz que a acusação de contrabando é um discurso antigo dos garimpeiros para convencer as autoridades de que os estrangeiros roubam a riqueza do subsolo. "O que acontece é o oposto", diz ele.

Os conflitos entre os garimpeiros e as empresas aumentaram desde que a Black Swan os denunciou às autoridades por danos ambientais. Em dezembro de 2001, garimpos foram multados e fechados.

Em janeiro do ano passado, fo-

ram criados a cooperativa e o sindicato dos garimpeiros de Coromandel. Petrónio Silva, que na época era vice-prefeito, ocupou a vice-presidência da cooperativa.

### Conduta

Os garimpos estão funcionando com base em um termo de ajustamento de conduta, firmado com a Curadoria do Meio Ambiente do município, em que os garimpeiros se comprometem a reparar os danos ambientais provocados por décadas de atividade. A cooperativa convocou um mutirão para tapar os buracos deixados pelos garimpos já exauridos.

No termo de ajustamento de conduta, os garimpeiros se comprometem também a obter, até maio de 2004, as licenças do DNPM para a exploração do subsolo. Como toda a área está reservada por outras empresas, os garimpeiros querem que o governo cancele os alvarás de pesquisa e os decretos de lavra existentes e que transforme a região em área de reserva garimpeira.

De acordo com um levantamento da cooperativa, 89 alvarás para pesquisa de diamante, que equivalem a 49,6% da área total do município, estão em poder de 11 empresas e pessoas físicas.

O diretor do grupo Black Swan, que tem duas empresas (Cobre Sul Mineração e Sul América Mineração) na lista dos maiores detentores de licença, diz que por trás dos garimpeiros há comerciantes e fazendeiros e que eles não conseguirão "atropelar" os direitos da empresa.

Segundo ele, a Black Swan está disposta a negociar uma solução.